

Luís Manuel A. V. Bernardo

O essencial sobre
VIEIRA DE ALMEIDA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

I — PARADOXOS BIOGRÁFICOS

Referências introdutórias

Francisco Lopes Vieira de Almeida nasceu a 9 de Agosto de 1888, em Castelo Branco, vindo a falecer em Cascais a 20 de Janeiro de 1962. Realizou os seus estudos superiores na Faculdade de Letras de Lisboa, onde se licenciou, em 1910, com uma tese intitulada *História (Significado e Função)*. Após adquirir alguma experiência como professor liceal, ingressou, em 1915, na categoria de assistente do grupo de História da instituição onde se formara, transitando para a Secção de Filosofia, em 1922, na sequência de concurso, para o qual apresentou uma dissertação com o sugestivo título de *A Impensabilidade da Negativa*, trabalho cuja complexidade, sobrepondo-se, claramente, à diminuta extensão, segundo o cânone académico vigente, reflectia a pujança de um pensamento peculiar no panorama universitário nacional.

Não seria, ainda, a sua obra-prima, lugar que caberia a *Pontos de Referência*, publicada, na versão definitiva, em 1961, mas estabelecia, já, um roteiro filosófico e um modo próprio de percorrê-lo, que a tornam indispensável para a compreensão do percurso do filósofo português. Talvez que, aliás, para quem pretendesse apenas uma breve, mas representativa, aproximação ao pensamento de Vieira de Almeida, bastasse a consideração, a par destas duas obras, daquela que intitulou, em 1943, *Introdução à Filosofia*. Desde 1988 que a sua *Obra Filosófica (OF)* está reunida em três volumes, numa edição crítica de Joel Serrão e Rogério Fernandes. Esta compilação é precedida de duas amplas leituras propostas pelos editores que oferecem importante contributo para a análise de um conjunto constituído por cinquenta e dois textos de teor variado, sobre Gnosiologia e Epistemologia, Lógica e Filosofia da Linguagem, Conhecimento Histórico e Sociológico, Psicologia, Filosofia da Arte, ao qual ninguém negou a extrema dificuldade.

Em 1930, obtinha a cátedra, tendo exercido, igualmente, as funções de director da Secção de Filosofia, de 1936 a 1940. Leccionou uma quantidade surpreendente de disciplinas, das quatro Histórias da

Filosofia à Filosofia em Portugal, da Teoria do Conhecimento à Psicologia Geral, da Moral à Pedagogia e Didáctica, sem que, como defendeu Francisco da Gama Caeiro, fosse legítimo «considerá-lo um burocrata do ensino, que ele nunca foi, nem quis ser» (CC). Uma visão panorâmica da obra filosófica ressaltará, outrossim, uma nítida implicação dos caminhos aparentemente erráticos do magistério, porquanto nela se encontram registos de reflexões sobre as diferentes áreas disciplinares. Esta amplidão teve, de certo, o seu papel na reputação intelectual que alcançou, ao lado da mestria de conferencista. Todavia, cabe ponderar se a marca cultural mais duradoura não terá sido a de, enquanto catedrático de Lógica, ter introduzido os estudos de lógica formal em Portugal, determinando, dessa feita, uma das orientações específicas do ensino da Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa, consubstanciada, nas palavras de Gama Caeiro, «em uma tradição viva que teve continuadores nos doutores Délio Nobre Santos, Edmundo Curvelo, José Tiago de Oliveira e, mais recentemente, Manuel Santos Lourenço, entre vários outros» (CC, p. 11).

Ora, com um historial de uma tal envergadura, apostado, como assumidamente esteve, em afinar a

filosofia em Portugal por um vector de modernidade, o pensamento de Vieira de Almeida mereceria, decerto, constituir objecto de uma série de estudos aprofundados. Todavia, toda a bibliografia secundária se reduz a uma entrada de enciclopédia, a um volume da *Revista da Faculdade de Letras*, que recolhe as intervenções do colóquio comemorativo do centenário do seu nascimento, de que apenas nove textos, dos dezoito, tratam do autor, se bem que todos eles se revelem indispensáveis, e uma dissertação de mestrado sobre o seu pensamento estético, para lá das menções circunstanciais.

O paradoxo queda avolumado por não se lhe poder imputar, malgrado uma certa austeridade cultivada, um excessivo hermetismo, uma vez que à maior parte das suas publicações assistia uma manifesta intenção didáctica, nem um ascetismo enclausurado, pois teve actuação pública notória. Terá «o persistente equívoco», nas palavras de Sottomayor Cardia (CC, p. 70), de que houvesse cultivado um positivismo lógico, dificultado a recepção da sua filosofia, ou dever-se-á ao predomínio das perspectivas ontológicas que criticara o esquecimento em que caiu, ou será a radicalidade metodológica da polémica por si

cultivada, sem a promessa de uma solução sistemática, que acaba por motivar o aparente desinteresse?

Este ensaio está, assim, animado pela expectativa de poder contribuir para a divulgação de um pensamento filosófico peculiar que, por entre a variedade de temas e de problemas, se vai determinando segundo uma fórmula unificadora que a própria prática do filosofar permite progressivamente identificar. Foi, tão-só, essa intencionalidade pragmática que, como hipótese, nos propusemos reconstituir, deixando, contudo, aqui e ali, o alinhavo de possíveis linhas de investigação.

Normal, demasiado normal

Em 1957, Vieira de Almeida foi entrevistado por Igrejas Caeiro. Dessa entrevista, a décima da série, ficou um registro discográfico que nos permite um contacto mais directo com a personalidade do filósofo, apesar da rigidez do guião tipificado de acordo com um certo psicologismo eclético à procura de identificar traços difusos de carácter, na infância, nos gostos, no índice de sociabilidade, que facilitassem o acesso à grandeza intelectual dos entrevistados.

Vieira de Almeida sobreviveu à estreiteza impressionista do questionário com um brilhantismo que confirma todos os testemunhos sobre a agudeza do seu espírito, a finura da sua expressão, a mordacidade do seu humor e a contundência do seu magistério, contrapondo ao espartilho inquiridor uma dinâmica mental cujos sobressaltos desmentiam o traço autobiográfico de uma normalidade constante, uma quase banalidade, que se empenhava em transmitir.

Se não há razão para suspeitar da autenticidade do agrado com um quotidiano familiar burguês, longe, portanto, dos extremos de inadaptação e infelicidade associados à representação romântica do génio, percebe-se rapidamente a inviabilidade de uma caracterização unidimensional, por mais que o entrevistado se empenhe em insistir que, de toda a sua vida, o único aspecto digno de consideração mais particular tivesse sido a sua excelente relação com os alunos, a qual, nalguns casos, desembocaria, com naturalidade, numa sólida amizade.

A tónica na humilde normalidade de uma existência calma não resiste à complexidade do seu percurso como figura pública, tal como nos é relatado por Mário Soares, na conferência de encerramento do colóquio em sua homenagem (CC, pp. 245 e segs.),

do alinhamento primeiro com o Integralismo Lusitano à liderança oficial da campanha eleitoral do general Humberto Delgado, sem que se visse, ou pretendesse ser visto, como figura política, ou ao apadrinhamento da vinda do socialista Bevan, apesar de não haver qualquer suspeita de que houvesse comungado politicamente do marxismo, que o levou, aos 70 anos, a ser detido pela PIDE e a uma curta permanência na prisão de Caxias.

O traço de carácter que atravessa incólume estas aparentes variações, a fidelidade a uma atitude de independência, que se traduzia num pendor oposicionista indeclinável, por isso mesmo, tão visível nos escritos quanto na prática, será, porventura, um dos mais difíceis de encontrar, pois que supõe um princípio de coerência, raro, entre pensamento e acção, solidariedade que era, aliás, por si valorizada quando afirmava não suportar as pessoas que professam uma opinião que renegam no agir. Assim, o humor com que terá encarado a sua passagem pelos meandros da PIDE dever-se-á, com certeza, à fibra do carácter, mas, também, à aplicação daquela ideia oriunda da racionalidade iluminista, por si enunciada na entrevista, de que o compreensível é tolerado, com tanto maior indulgência quanto melhor compreendido, salvo

casos extremos que entrariam na categoria do intolerável, o que acaba por retirar o *pathos* trágico à maior parte das vicissitudes do quotidiano que passam a ser lidas enquanto interesses particulares dos jogadores desse grande jogo que é a vida.

Ora, essa consistência requeria a capacidade para combinar, segundo a lógica da liberdade buscada, uma série de posições que se afigurariam comumente incompatíveis, se bem que se revelassem indispensáveis ao exercício de uma atitude que designaríamos como a de uma liberdade da liberdade, sem temermos o que nela ecoa de formalismo e utopia, de idealismo, mesmo, por julgarmos que não são atributos descabidos, relativamente à peculiaridade do projecto existencial do autor.

Complexidade, portanto, essa de querer, em pleno século xx, praticar uma ética próxima da defendida pelas escolas helenísticas, revisitadas pela racionalidade iluminista. É assim que os três acontecimentos apontados são acompanhados por um processo declarado de distanciação, que garante uma liberdade fundamental, a qual não deve ser confundida com qualquer falta de empenho ou de convicção, mas, ariscamos, decorre do cruzamento de duas perspectivas oriundas de uma tradição de sageza de cariz

humanista, recorrente na história do pensamento, na qual Vieira de Almeida se revia: a, escalar, da impossibilidade de ter acesso ao sentido da História e a criteriológica, de que o homem será a medida de todas as coisas.

O artigo intitulado «A Fórmula Política», publicado, em 1914, no n.º 6 do ano 1 da *Nação Portuguesa*, que selou a sua breve ligação ao movimento integralista, pois que, sete anos depois, ainda que mantendo-se monárquico, já o encontramos a colaborar no segundo número da *Seara Nova*, começava, precisamente, com uma ressalva, em si mesma surpreendente, tendo em conta o âmbito doutrinário da revista: «Eu não sou, rigorosamente, um integralista e, por esse facto, o systema nada tem que perder ou ganhar. Não o sou, como não sou hegeliano, positivista ou kantiano» (*NP*, p. 165). Afastar-se-á progressivamente dos ideais nacionalistas e sociais do Integralismo, de tal modo que, em 1948, concluirá uma obra fundamental, não só pelo seu alcance crítico, como também por nela verter explicitamente algumas das suas convicções no âmbito da Filosofia Política, intitulada *Paradoxos Sociológicos* (1948), com uma apologia do indivíduo e do seu bem-estar (*OF*, III, p. 132), mas nunca abdicará da recusa de filiação

em doutrina ou sistema, como o confirma a distinção estabelecida no derradeiro parágrafo desse mesmo livro: «A afirmação da realidade primacial do indivíduo, em especial no campo vastíssimo da acção na sociedade, não implica forma definida de ‘individualismo’. ‘Individualismo’ é sistema e muitos sistemas errados podem construir-se sobre a mesma base» (*OF*, III, p. 132).

O seu compromisso com o presente era, portanto, uma questão de ética, de uma apreciação valorativa da situação episódica, na qual não entrava nem a vontade de provocar ou produzir o porvir, nem a convicção de que estivesse a trilhar um caminho com sentido único ou exclusivo. E nesta perspectivação se insinua uma das distinções estruturadoras da sua concepção filosófica, aquela que constantemente lembrava, entre juízos de conhecimento, dependentes do valor de verdade, e juízos valorativos, assentes numa certa apreciação, teoricamente contraditória, da verdade de certos valores. Por isso, almejava a ser recordado como pensador, livre de procurar o sentido dos enunciados, das teses, do próprio agir, sem ter de se reduzir a uma bandeira única que se lhe afiguraria, sempre, necessitada dos mecanismos adequados de verificação

Teremos, provavelmente, dado com o motivo pelo qual, ao longo da entrevista, insistia na sua função magistral, se tomarmos na devida consideração o exercício de liberdade que pode resultar da relação pedagógica, descomprometida tanto das convenções da publicação editorial, quanto dos constrangimentos do agir, até das regras acadêmicas da transmissão. Vieira de Almeida, que tanto iterara a sua inépcia para a autobiografia, aquela feita de um caleidoscópio de episódios de calibre tão diverso, percebemo-lo agora, procurava, polida, evasiva, mas obstinadamente, traçar o perfil da personagem filosófica na qual se revia, apontando, dessa feita, o horizonte de sentido do seu percurso, a saber, o de ser isso mesmo, tão-só um percurso filosófico, pensamento a fazer-se e a refazer-se, processo discursivo em marcha, orientação argumentativa sem fim determinado, com uma condição única, inerente ao próprio funcionamento normal da racionalidade: a coerência.

De novo, normalidade, mas, uma vez mais, articulada com um paradoxo: o filósofo da liberdade conferida pela prática da coerência, cartógrafo negativo dos mundos impossíveis idealizados pelos outros, tem de abdicar das experiências de constituição positiva de um sistema. Normalidade de uma

disciplina da razoabilidade, vocacionada para um trabalho de ordenação que, como defende em vários momentos da sua produção ensaística, depende apenas de uma aposta, no sentido que encontrou no «pari» de Pascal, toda atravessada, por conseguinte, pela profunda tensão entre o valor da liberdade pura e a concrecibilidade do que lhe cabe analisar, a cada etapa da reflexão mais imbuída da exigência crítica, que não pode deixar completamente ao abrigo a própria obra que foi sendo construída. Essa reserva, coerente ela própria com a intenção filosófica ensaiada, explicará que tão escassa menção fizesse, na entrevista em causa, à sua larga obra publicada nos mais variados campos, da poesia à dramaturgia, passando pela ensaística histórica e literária, a tradução e, sobretudo, à filosofia. No fundo, não seria essa a liberdade suprema, a de poder ser crítico do seu próprio legado? Mas, o que existe, verdadeiramente, senão essa obra, se pretendermos mais do que a celebração de uma atitude de arejamento intelectual (cf. CC, p. 30)?

II — A EXPECTATIVA DE MODERNIZAÇÃO

Um pendor didáctico

Facilmente se detectará a contradição entre esse desiderato e o volume da obra publicada, mas julgamos poder avançar um outro traço que servirá à reconstituição do que designaríamos como uma coerência em rede, tão típica dos autores de cariz iluminista: a vontade de intervir culturalmente num país que lhe aparecia, em geral, sem uma política de educação sustentada e, no particular da especulação filosófica, distante do que se passava no resto da Europa, diagnóstico que justifica o aspecto didáctico que sobressai na maioria dos textos. Da intenção de intervir no campo filosófico dava-nos conta logo no fecho da parte introdutória de *A Impensabilidade da Negativa*: «Em um país como o nosso, pobre de tradições filosóficas profundas, procuro — e é o lado prático da questão — representar uma reacção contra o vulgo

ÍNDICE

I — PARADOXOS BIOGRÁFICOS	3
Referências introdutórias	3
Normal, demasiado normal	7
II — A EXPECTATIVA DE MODERNIZAÇÃO	15
Um pendor didáctico	15
Filosofar em Portugal?	19
Cultura da modernidade, modernidade da cultura	29
O lugar da educação	34
Uma estruturação técnica	40
A lógica da divulgação	47
A divulgação da lógica	50
III — O ESFORÇO DA FILOSOFIA	69
Um desafio ímpar	69
A dominante classificatória	79
A dominante terapêutica	81
A dominante problematológica	84
A equação da filosofia	91
Epílogo: a farsa da história	108
<i>Bibliografia</i>	115

Composto e impresso
na
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
com uma tiragem de 800 exemplares.
Orientação gráfica do Departamento Editorial da INCM.

Acabou de imprimir-se
em Julho de dois mil e oito.

ED. 1015601
ISBN 978-972-27-1688-8

DEP. LEGAL N.º 275 724/08